

Sim, sr. professor

O sociólogo Manuel Castells assume a pasta das Universidades, mas a sua influência no primeiro Governo de coligação desde a guerra civil pode ser decisiva

JOANA REI, EM MADRID

A terceira foi de vez. Pedro Sánchez conseguiu o apoio do Congresso dos Deputados por uma margem mínima e, com 167 votos a favor, 165 contra e 18 abstenções, já é, finalmente, primeiro-ministro de Espanha. Com o apoio do Podemos, do Partido Nacionalista Basco e de alguns regionalistas, e a abstenção dos catalães do Esquerra Republicana e dos bascos do Bildu, Sánchez inaugura assim o primeiro Governo de coligação em 40 anos de democracia. Em rigor, algo nunca visto desde 1937, quando o médico Juan Negrín teve de lidar com o afundamento da Segunda República devido à Guerra Civil de Espanha.

Quatro dirigentes do Podemos integram agora o Executivo escolhido por Sánchez: um Governo paritário, com um total de 22 ministros, e em que três das quatro vice-presidências são ocupadas por mulheres (ver caixa). Depois do veto no verão passado, durante as negociações para o Governo, desta vez Pablo Iglesias entrou mesmo no Executivo como segundo vice-presidente, com as pastas dos Assuntos Sociais e da Agenda 2030.

Entre os elementos propostos pelo Podemos está um dos nomes mais sonoros: Manuel Castells, sociólogo de reconhecido prestígio internacional, que vai tutelar o Ministério das Universidades. Doutoramento em Sociologia pela Sorbonne, Castells foi também catedrático de Ciências Sociais na Universidade da Califórnia, em Berkeley, durante 24 anos e, em 2001, voltou a Espanha para dirigir o Departamento de Investigação da Universidade Aberta da Catalunha.

A notícia foi recebida com agrado por parte dos profissionais da área, que lhe reconhecem um conhecimento do

meio e uma experiência como poucos. "Não há, na sua geração, ninguém que tenha chegado tão longe em termos de capacidade de conhecimento, o que o torna alguém claramente talhado para o cargo", analisa Gustavo Cardoso, diretor da Obercom, professor de Sociologia do ISCTE e editor de Castells, no livro *Depois da Crise*. "É um dos autores mais citados, com uma visão académica abrangente e de aconselhamento de múltiplas personagens políticas e económicas em todo o planeta. Há muito poucas pessoas como Castells, com uma visão tão vasta das diferentes sociedades mundiais", continua.

Muito ativo politicamente, nas últimas eleições autárquicas de Barcelona, em maio, fez campanha pela candidatura de Ada Colau, que ganhou o escrutínio pelo Podemos. "No domingo vou votar na sua equipa. Primeiro porque são pessoas como nós. Não são burocratas nem especuladores. Vêm dos movimentos da sociedade civil que disse 'basta' ao pro-

"ESPANHA TEM MUITAS FERIDAS POR CICATRIZAR. CASTELLS JOGA AQUI UM PAPEL DUPLO: ELE É O MINISTRO DAS UNIVERSIDADES E DAS PONTES POLÍTICAS"



jeto de destruição da nossa cidade por parte dos fundos abutres e das multinacionais de turismo", disse naquela altura.

O CONSELHO A SÁNCHEZ

Agora foi a própria Ada Colau quem propôs o nome de Castells para o novo Governo. Proposta bem recebida por Sánchez que teve em Castells um dos maiores apoios, quando, em 2016, se demitiu como deputado e decidiu candidatar-se à liderança do PSOE, mesmo quando antes fora afastado do cargo pelos seus colegas de partido e abandonado por todos os barões do partido.

A história é contada pelo próprio sociólogo no livro *Ruptura: A Crise da Democracia Liberal*. Finais de 2016: Rajoy acaba de ser investido com a abstenção do PSOE. Sánchez, fiel ao seu "não é não", anuncia entre lágrimas a sua demissão como deputado para não votar contra a disciplina de partido. É então, quando todos o dão como morto politicamente, que Sánchez tem uma conversa com Castells que mudou, segundo o próprio sociólogo, o curso da História. "Pedro Sánchez quis afastar-se de Espanha, por uns dias (...), e foi para a Califórnia com a sua família.



O poder da idade Com 77 anos, Castells é, de longe, o elemento mais velho do Governo de Pedro Sánchez

(...) Concededor da minha experiência e do meu interesse pelo socialismo espanhol, quis falar comigo", conta no livro. Ali, o sociólogo diz-lhe que o único caminho era a resistência. "Convinci-o a não se render. Porque se o fizesse seria o fim do PSOE", continua. "Percebi que ele tinha força suficiente para resistir e que se tinha apercebido de que a política progressista na qual acreditava não seria possível sem se enfrentar os poderes estabelecidos e quem os representava dentro do partido. E isso só poderia ser feito com o apoio dos militantes, enojados com a abstenção a Rajoy", explica.

O resto já é História: Sánchez fez-se à estrada sem qualquer apoio do partido, percorreu o país inteiro, conquistou os militantes e ganhou as primárias do PSOE contra todas as probabilidades. Conseguiu aprovar a primeira moção de censura da História do país, derrocou o Governo de Rajoy, ganhou duas eleições legislativas e, finalmente, conseguiu ser investido como primeiro-ministro. Para a História fica também o seu cunho naquele que é o primeiro Governo de coligação da democracia espanhola.

PARITÁRIO E FEMINISTA

São 11 as ministras do Governo de Sánchez, um executivo paritário e feminista que conta com mulheres em três das quatro vice-presidências.

Carmen Calvo assume a primeira, responsável pela relação com as Cortes e a Memória Histórica; Nadia Calviño, ministra da Economia, é a terceira vice-presidente com os Assuntos Económicos, e Teresa Ribera, ministra do Meio Ambiente é a quarta vice-presidente com a Transição Ecológica e o Desafio Demográfico. **Irene Montero** e **Yolanda Díaz**, do Podemos, ocupam a pasta da Igualdade e do Trabalho, respetivamente. Margarita Robles e María Jesús Montero mantêm-se na Defesa e nas Finanças; Isabel Celaá e Reyes Maroto, na Educação e na Indústria. Carolina Darias e Arancha González Laya assumem a Política Territorial e os Negócios Estrangeiros.



POSIÇÕES SOBRE A CATALUNHA

E neste Governo "progressista, plural e igualitário", que o sociólogo assume um lugar de destaque – mais do que à partida possa parecer. "Acho que tem muito mais importância do que o cargo de ministro das Universidades. Pela ligação pessoal com Iglesias e Sánchez, é um elemento central de ponte entre os dois", prevê Cardoso. "Tem tido uma proximidade muito grande com as confluências do Podemos e é também um dos ministros mais velhos no Governo, com mais experiência, e isso coloca-o num patamar propício a partilhar essa experiência com ambos. É o terceiro elemento que pode possibilitar o sucesso político do Governo e tem a facilidade de ser ouvido pelos dois", sintetiza.

A estas características junta-se outra, crucial para o momento político espanhol: o conhecimento da Catalunha. Nascido em Albacete mas com ascendência catalã, a sua posição sobre a questão territorial – que, sem ser independentista, assume a existência de presos políticos (e não de políticos presos, um matiz importante na retórica nacionalista de um e de outro lado) – valeu-lhe muitas críticas por parte dos partidos da oposição, que o acusam de justificar as ações do movimento separatista.

Críticas que não fazem sentido na opinião de Cardoso. "A visão de Castells é pragmática e equilibrada. O problema é que nesta altura a discussão sobre a Catalunha transformou-se num Madrid-Barça. E Castells não adota nenhuma das duas visões. É preciso baixar o volume das paixões: tanto do nacionalismo espanhol do Vox, que contagia o PP e o Ciudadanos, como dos partidos catalães que propagam a ideia de independência. Ele consegue falar com ambos os lados racionais", defende.

Uma posição próxima da postura dialogante que defende o novo primeiro-ministro e que, para a oposição, visa "rasgar Espanha". Numa sociedade polarizada ao máximo, são muitos os que vaticinam para este Governo uma vida curta. "Espanha tem muitas feridas por cicatrizar e este é o momento do tudo ou nada. Se Espanha não aproveitar este Governo e não o levar avante, tornar-se-á ingovernável. E isso é muito mau para a Europa", acredita Cardoso. "Espanha precisa de estabilidade, precisa de que este Governo funcione, e acho que Castells joga aqui um papel duplo: ele é o ministro das Universidades e das pontes políticas." visao@visao.pt